

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração: Calçada do Combro, 36-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. telegr. Talkaba - Lisboa - Telefone: 17
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A guerra social

A QUESTÃO DA ARMÉNIA

A Gran-Bretanha, com o apoio prestado aos exércitos de Denikine, lançou os tataros da Azerbeidjan na órbita da Rússia soviética que, pelo menos em parte, libertou os georgianos da sua supremacia. Parece aliás muito pouco provável que o comunismo soviético possa imperar sobre os tataros. Estes pertencem ainda num estado mais ou menos feudal da civilização e o comunismo não poderia suceder à feudalidade sob a forma dum comunismo autocrático, logo ao dos incas ou ao dos jesuítas do Paraguai. O espírito de liberdade, presente em todos os homens e que se tem desenvolvido no decurso da civilização individualista capitalista e industrial, opõe-se à generalização dum tal forma de autoridade do comunismo. Quando ao comunismo libertário, só se pode estabelecer numa sociedade muito adiantada, baseada numa indústria muito desenvolvida. O comunismo está, portanto, muito longe de se poder implantar nessas regiões asiáticas, e se a terminologia comunismo e soviético aparece na narrativa dos acontecimentos, a sua significação é de puro verbalismo, sob o qual se ocultam fenómenos sociais completamente diferentes do comunismo e do soviético. De facto, esta terminologia económica que se começa a ver nos meios a propósito dos acontecimentos russo-asiáticos, designa fenómenos puramente políticos: a concretização e o desenvolvimento do nacionalismo tataro, arabe, etc. Este nacionalismo é a forma que reveste actualmente o espírito de liberdade, inerente a todos os homens e que se vem desenvolvendo no decorrer dos tempos, e é preciso satisfazer-lhe primeiro que o espírito de igualdade, o qual também é inerente a todos os homens e da mesma forma se tem desenvolvido no decorrer dos tempos.

Encontramos-nos actualmente, na Ásia Caucasica e na Ásia Menor, em presença dum mesmo fenómeno sociológico: a luta pela realização de fins nacionais. É cousa digna de ser notada — a força que actua para esta realização é a Ásia soviética, cujo governo está nas mãos de socialistas internacionalistas, enquanto que a força que se opõe a esta realização é a da Gran-Bretanha e dos seus aliados, os seus clientes no sentido latino da palavra, cujos governos estão nas mãos de capitalistas e pseudo-democratas, igualmente nacionalistas!

Georgianos e tataros lutam pela sua independência, auxiliados pela república federativa dos soviets russos. A situação apresenta o mesmo aspecto na Arménia. Com efeito, ao lado da Azerbeidjan e da Geórgia, encontram-se regiões habitadas por arménios, povo cristão, inimigo de outros povos muçulmanos. A mistura é dificilmente destrutível, tam misturados foram os homens no decurso da história pelas emigrações e imigrações, pelos fluxos e refluxos diversos das invasões. E, portanto, muito difícil a área do *habitat* dos arménios, que nestas regiões constituem a maioria dos habitantes. É tudo isto que implica a situação.

Contudo, os arménios constituíram-se em república independente, com o apoio de Erivan, e desde 1918 que reclamam o reconhecimento dos ocidentais. Mas em vão! A Gran-Bretanha e os seus aliados recusam reconhecer-lhe a faculdade de auto-governo, e é a opinião que a república da Arménia necessita dum tutor. Quem será o tutor? A Sociedade das Nações, a mais frágil e fraca, por culpa dos governos que a organizaram, encarregada de lhe encontrar um tutor. Aos Estados Unidos se dirigiu a Sociedade das Nações, pedindo-lhe que se encarregasse do mandato arménio.

O presidente Wilson era de opinião que os Estados Unidos deviam aceitar este encargo, querendo por este meio combater o imperialismo britânico, introduzindo a influência americana e democrática nesta região da Ásia. Teria o um bela resposta do grande e honesto vencedor da Conferência da Paz ao seu vencedor cauteloso, Lloyd George. Entretanto, tal se não dará, porque o grande americano, enfadado aos republicanos imperialistas, recusou o mandato. Salvo raras excepções, o norte-americano é dum intelectualidade muito média. Sirva de testemunho o conteúdo das grandes revistas de Além-Atlântico. Nunca estas revistas publicam estudos tam documentados e tam profundos como os que o leitor encontra nas grandes revistas europeas (britânicas e sobretudo francesas, alemãs, russas, italianas). As revistas americanas não publicam estes estudos profundos e sérios porque se o fizessem perderiam a maioria dos seus leitores e compradores. O norte-americano contenta-se com aparências de profundidade e seriedade, e na realidade lhe bastam coisas superficiais. Não dispõe de tempo nem para aprofundar nem para se documentar, sendo um verdadeiro ignorante, e tanto mais que se julga um sabedor e um conhecedor. Na realidade, há na América do Norte homens dum alta inteligência, mas a maioria não canaliza os seus esforços no sentido do desenvolvimento da intelectualidade. Todo o esforço o aplicam na especialização, cujo efeito biológico consiste em afectar o desenvolvimento cerebral, diminuindo-o, por o obrigarem a ser unilateral. Um dos efeitos desta mediocridade intelectual do norte-americano manifesta-se nos Estados Unidos pela tendência de julgar os homens pela sua eficiência, isto é, pelo éxito. Na verdade, o pensador europeu de menor categoria, acostumado a encarar os fenómenos da vida na sua complexidade e na sua multiplicidade, sabe quanto tem de mesquinho este critério para aquilatar o valor intelectual dos homens e das suas produções na ordem científica, literária e artística. A mentalidade norte-americana conseguiu que o homem político americano médio não compreenda a essência das ideias e doutrinas emitidas pelos seus grandes homens: os Tomás Payne, os Franklin, os George Washington e os Louros. Ao ver a letra julga conhecer o espírito. Por isso, quando encontra um dos seus desta grande linhagem, desconhece-o naturalmente e faz-lhe mesmo uma tal oposição que o torna impotente. Foi esta a sorte do presidente Wilson. Com recuo dum imperialismo estreito e mesquinho, o senado americano recusou o mandato na Arménia. Quer continuar-se na América, onde pretende exercer uma supremacia que, a desenvolver-se, irá provocar em toda a América Central e Meridional lutas sem fim. Mas sem dúvida, daqui a alguns anos, o desenvolvimento da classe operária nos Estados Unidos é a compreensão da verdadeira doutrina de Monroe pelos intelectuais americanos porá termo a este ameno imperialismo. Entretanto, a Arménia está sem tutor! A Gran-Bretanha, pela voz do ministro Bonar Law, declarou que não aceitava a tutoria, o que deu lugar à seguinte observação do comandante Kenworthy: «É evidente que não há petróleo na Arménia!»

As circunstâncias apresentam-se por forma tal que a Arménia não conseguirá encontrar um tutor no mundo ocidental. Necessariamente manter-se-á como uma república independente, o que é o melhor que lhe pode acontecer, porque tinha todas as probabilidades de encontrar um tutor que a explorasse sem vergonha. Mas a república independente arméniana, com os seus limites territoriais e étnicos muito vagos, encontra-se entalada, dum lado, entre o Azerbeidjan muçulmano, soviético e comunista na aparência; do outro, entre a Geórgia ortodoxa e democrata-socialista, muito forte internamente, mas fraca como auxiliar externamente; e também ainda entre os povos muçulmanos kurdos e turcos, que durante séculos se habituaram a fazer razias na Arménia. A república arméniana em absoluta necessidade em se apoiar nalguns dos seus vizinhos ou nas potências ocidentais. Faltando-lhe este último apoio, a república é impelida a procurar-o no Oriente, onde historicamente o tem encontrado no decurso do século passado e é, portanto, levada pelas presentes condições políticas, a procurar o seu apoio na Rússia. Lénine teve o cuidado de não deixar fugir este trunfo no seu jogo, porque nele tem um factor poderoso de equilíbrio na sua aliança com Mustapha-Kemal-Pachá, o chefe do nacionalismo turco.

A actual situação apresenta-se por tal forma que a república federativa dos soviets tem uma aliança com a república dos soviets de Azerbeidjan, suscitada por ela, com a república social democrática de Geórgia e com a república independente da Arménia. Esta situação é tam conforme à lógica dos interesses e dos factos que se pode confirmar-se e fortificar-se, em detrimento da política económica britânica, e com grande vantagem para o progresso humano.

Paris, Junho de 1920.

Augustin Hamon.

O QUE NOS ESPERA

FOME, FOME NEGRA

CULPADOS: Os detentores da terra e dos instrumentos de trabalho, que não selemem nem fomentam a produção — para promover a escassez e, portanto, a alta dos preços, sua aspiração máxima

A guerra, além de todos os prejuízos morais e materiais que ocasionou, além das perdas em vidas e em haveres que produziu, desencadeou sobre os povos essa terrível calamidade que é o contínuo revoltante da ganância desenfreada com o assombro criminoso, das pestes que ameaçam subverter a humanidade num mar de lama e de sangue, se os povos não se decidirem a tempo, a fazer desaparecer da face da terra a perversa organização da sociedade que permite a existência perniciosos de tais anomalias.

A burguesia — abusando da passividade que as populações mostraram durante a guerra, marchando sem resistência para o matadouro, esquecendo toda a propaganda de paz e de revolta, feita através de tantos anos — entende o propósito este momento para melhor fixar o seu predomínio, começando por vexar e provocar a massa trabalhadora, obrigando-a a comer toda a espécie de putrefacção, paga por bom dinheiro, e acabando por reduzi-la, pelo envenenamento, a uma multidão sem vontade, fraca de cérebro e de corpo, incapaz de tomar uma atitude enérgica para sacudir a tirania da exploração capitalista.

Conseguido o seu intuito de ver facilmente afastado o perigo dum revolução popular, originada na falta dos géneros mais essenciais à vida, os burgueses compreendem, sem custo, que estava encontrado o grande filão, e que podiam continuar a explorá-lo sem maiores riscos.

O povo sujeitou-se a tudo, a não ter que comer e a digerir quanta bodega lhe apresentaram e por que lhe exigiram preços exorbitantes, ficando reduzido a um esmagado, porque ele perdeu toda a dignidade, visto que não ignora que se assambrava, que se provocava precipitadamente a escassez, para que os seus inimigos consigam fazer grandes fortunas, que tudo permitam aos seus detentores, desde a prática das perversidades mais repugnantes até obter o silêncio cúmplice das consciências que se prostituíram por cobardia ou por desvergonha.

Por todas estas razões, por motivo da febre gananciosa dos lavradores e dos comerciantes de toda a espécie, e devido à indiferença da população do país, que não tratou de organizar a defesa, e sobretudo, o ataque contra as investidas criminosas dos quadrilheiros das forças vivas, vamos ter mais um ano de fome, que se tem vindo agravando cada vez mais, ferindo o aumento do povo que trabalha, obtendo dia a dia maiores lucros, que lhes facilitam a vida, e quando tinham incontestável direito a que nada lhes faltasse.

Pois vamos ter mais um ano de fome, porque os burgueses querem juntar mais ouro, querem usufruir maiores vantagens na sua vida de prazeres, querem conduzir o povo a um maior aviltamento, fazer dele o animal passivo que era o escravo dos negradores tempos do passado.

E não de conseguir-lo, se o povo não se prepara para fazer lhes engulir todo o seu ouro ensanguentado e lamacento, de forma que os faça estoirar de indignação.

Chegam-nos da província notícias de que os azeites da produção agrícola. Semelhante pouco por cáculo; as docas e outras causas inutilizaram parte das colheitas; as consequências há de sofrer-las a classe trabalhadora, que continuará no regime vergonhoso das "bi-chas" e no desassossego das greves, pois que não a carência da vida sempre num contínuo aumento, os salários terão de continuar a acompanhar a sua louca carreira, porque o contrário equivaleria ao suicídio da classe operária.

A não ser que o povo, farto de tanta bandalheira, tenha um assomo de consciência e ponha um desfecho doloroso, mas necessário, ao rotundo e ao envenenamento que vem sofrendo.

Vamos transcrever as palavras rudes dum camarada, que nos escreve do Píndio Novo, expondo alguma coisa do que ali se fez em matéria de sementeiras e descobrindo um pouco do *bonito* futuro que nos espera, devido, principalmente, aos instintos gananciosos dos detentores da riqueza social.

Seria interessante que outros camaradas nos fornecessem elementos sobre o que se passa neste sentido nas terras onde vivem, esculpindo sempre em só dizerem a verdade, que é a arma mais forte e mais afiada para rechegar os nossos inimigos.

Apresentemos o que nos diz, com toda a simplicidade, o nosso camarada, que, sem dúvida, não apresenta um quadro completo da triste realidade, pois, simplesmente, teve a intenção de fornecer algumas notas.

«Não admira que em Lisboa se sintam fome, pois nos campos se dá o mesmo caso. Aqui não há pão nem azeite, falta o azeite, o feijão e a carne, e o peixe quando aparece é por um tal preço que se torna impossível comprar.

As colheitas de trigo este ano são insuficientíssimas e as de milho estão perdidas; as de feijão não dão 20% do que deviam dar. Os batatas foram bons

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

O Avenida Pálace é o mais reputado hotel da nossa capital, e corre mundo a sua fama. Nele se hospedam fidalgos da raiz de quem os deus do mundo, diplomatas de renome universal, milionários incriveis, e celebridades líricas e musicais mais ou menos consagradas. Desta forma acontece que a hora de jantar no Avenida Pálace determina uma reunião de personalidades célebres e imortais, gente de primeira qualidade como o feijão branco em venda no Grandela, a *élite*, a quintessência do bom tom, o escol do *grand monde*, tudo puxado ao *five-o'clock-tea* e partes-gagas adjacentes. Devo declarar já que do Avenida Pálace conheço a fronteira apenas. Nunca lá entrei e por duas razões. A segunda é que, nos meus demasiadamente elegantes, ataca-me o enjôo, e não os frequentes, nem os frequentes — mesmo que lá tivesse entrada franca. O que sei da vida interna do Avenida Pálace conheço-o pela leitura dos *Carnets-Mondains*, que às vezes, lá de longe em longe, premido por fisiológicos embargos, terapêticamente me ministro, enquanto espero alívios — que aquele tratamento singularmente apressa. Ora aquela olímpica assistência do Avenida Pálace assentava a sua onimoda onnipotência política, argentária, intelectual, em aliteres mais movidos que as areias do deserto. Os quais aliteres movidos vinham a ser os criados, que diariamente forneciam à brilhante assistência o *substructure* alimentar necessário a manter o fulgor das radiantes entidades. Onde se prova que o cozinheiro, e o criado de mesa, seu satélite, representam, *en-tretien* das celebridades cosmopolitas, um papel verdadeiramente decisivo, porque se o pão do espírito é tudo, o pão do corpo ainda é mais. A clareira do Avenida Pálace entrou a descontentar-se com certos factos ocorridos no sumptuoso estabelecimento, factos todos eles determinando prejuízos de peso para a dita criadagem. Por exemplo, numa noite de maior animação, um príncipe balcânico, a pretexto dum *toast* eventual, deixou cair das mãos um copo de refúgio, forma *Sidónio*, em vidro baço e espesso, e já um tanto roído nos bordos, copo que, posto em contacto violento com o sobrado, se estilhaçou em mil e um fragmentos pontantes e pontagudos. O criado advertido polidamente o príncipe balcânico do prejuízo havido. E logo o príncipe, num gesto soberano, alívio e imponente, puxou pela sua carteira de pele de alforreca finlandesa, e tudo ali teria pago generosamente, se não fôra a circunstância alegada e procedente de só possuir, na ocasião, bilhetes do banco romano, que não era fácil cambiar. O diabo foi que, nos dias seguintes, fosse por esquecimento ou fôsse porque fosse, talvez porque as notas romenas não tivessem aceitação na praça de Lisboa, não aludiu o príncipe ao estrago feito; e tanto se protelou o pagamento do copo estatelado que veio o dono do hotel a refilar, tendo afinal o criado de pagar o *palau*. Estas cousas, sabidas na cozinha, entraram a azedar a criadagem. — «Estes pilhas...» Doutra feita, um *gentleman* simpático e louro, dizendo-se belga e inculcando-se milionário, surpreendeu-o um servo a intro-duzir o guardanapo no bolso do casaco, desta forma se vindo a descobrir o provável autor da subtração de algumas dúzias de guardanapos perpetrada gradual e misteriosamente desde há dias. O dono do hotel, a quem o facto foi denunciado, mostrou-se bastante diplomata para não acreditar na extranha cleftomania do milionário belga; mas foi também suficientemente zelador dos seus interesses para, averiguado o cili-pse dos guardanapos, forçar os criados a pagar quantos faltavam. Eram cousas deste género que fomentavam o descontentamento dos criados. Aqui há pouco veio a dar entrada no aristocrático hotel uma grande dama, elegante até ao impossível, porte de rainha, olhos de fogo, bela duma só vez, apesar dos seus trinta e tal visíveis anos. Foi a chegada desta senhora ao Avenida Pálace assinalada por uma ruidosa discussão, havida cá na rua, com um *chauffeur*, o qual se não dava por satisfelto com seiscientos e cinquenta réis, quantia que a dama pretendia fazer passar por suficiente retribuição da corrida que a transportara, e mais às malas, do quais dos Soldados até ao largo de Camões. Poremor sem importância, aliás. Ora esta senhora, excelsa e

NOTAS & IMPRESSÕES

Da música e do apetite

Descobriu-se ultimamente em Lisboa não ser possível jantar sem música ou beber um capilé sem castanholas e ferrinhos. Esta descoberta, como é fácil concluir, revolucionou a valer o mundo gastronómico e culinário, levando ao apogeu, ao cume máximo do bom-gosto e da economia este ramo de tachologia que é, como se sabe, a ciência que trata da manipulação ao fogo do carneiro com batatas e das iscas com elas, e da forma de tornar comestível e digerível o chato feijão carrapato e os maraus dos carapaus. Nem mesmo a recente descoberta que o académico d'Arsonval comunicou ao seu cenáculo sobre a profilaxia da tuberculose, a qual consiste em marchar nos bicos dos pés, conseguiu acordar entre nós tamanha onda de admiração como a que acaba de verificar-se com o conhecimento da verdade nova em folha, descida até aos pontos mais escondidos desta cidade de enuncos. É a última revolução da arte, o supremo guincho da moda, a mais requintada manifestação de beleza, o último arranco da estética, aliado ao mais perspicaz e ao mais prático caminho da fortuna esta moderna forma da distração da música para a abertura do apetite.

A nós, os que trabalhamos, os que produzimos, apesar do sr. Guedes de Oliveira nos chamar «os que dizem que produzem» (que diabo fará este sr. Guedes além das baboseiras que diz no *Primeiro de Janeiro*?) a nós, não faz caso que haja ou deixe de haver música às refeições magríssimas; o essencial é que haja de comer, o que nem sempre sucede, acontecendo, pelo contrário, que quase sempre é a petizada que se encarrega do contraponto familiar na mais irritante sintonia que a um pai é dado ouvir, justamente quando não há que rufar.

De resto, e apesar de haver orquestras e cavalinhos em todos os restaurantes e cafés, dentro de casa ou ao ar livre, não está suficientemente averiguado que as *Mãos criminosas* ou o *Pirillau* sejam indispensáveis a quem come, parecendo ali que, sendo a música muito mais dispensável do que as batatas, a ela se deve recorrer quando nada mais há a fazer. Comer e ouvir a valsa da *Viuva Alegre* são funções que não ligam nem à mão de Deus padre. De duas uma: ou se comem todas as moscas e todos os cabelos com que o azeite dos restaurantes frequentemente nos pretende engordar, ou se entregam

insigne, fez, uma noite sinal ao criado de servir a mesa, destes sinais que têm tanto de enigmáticos como de decifráveis, sinal de quem tem cousas a dizer, particulares e confidenciais. E, obediente por gosto e por dever, findo que foi o faustoso banquete dessa noite, aguardou o criado, perfurado, cortado e solene, as ordens da dama. Começou esta por dizer ao serviçal atento que, quando se tratasse de servir salmões *au beurre*, lhos puzesse sempre com a cabeça para o lado esquerdo, pois doutra maneira não os podia suportar. Anotou o criado a recomendação, sempre muito correcto e respeitoso. E logo a dama, esquecendo generosamente a ativa linha de senhoria, dando à voz umas branduras voluptuosas, os olhos a falcarem não se sabe que enigmáticas ansiedades, declarou que o tempo corria muito ameno, e que as vibrações magnéticas da atmosfera tiravam às criaturas a vontade de dormir. Uma vênio do criado, sempre muito cortês e muito silencioso, deu o assentimento pragmático aos pareceres da dama. Esta deu um passo para afastar-se; mas logo voltou atrás, numa aflicção saliente, mãos no pescocinho, a requerer do imóvel doméstico lhetomasse, pelo lado de traz, as duas extremidades do cordão que segurava as pérolas do seu colar, um cordão que naquele mesmo instante ela sentia quebrar-se... Obedeceu o doméstico; e, colocado por detrás da formosa e digna senhora, não pôde verificar que o colar estava intacto e seguro sem que uns contactos de mãos, um tanto íntimos, o electrisassem e lhe perturbassem profundamente o cerimonioso aprumo. Um equívoco, uma falsa impressão... «Pois lá jurar que o sentira quebrar-se...» E depois, ao dizer um «obrigado» muito doce, os seus olhos falcaram como carbúnculos, a voz clia como uma carícia nupcial, e o seu corpo adoptou a linha dum a estátua grega da sensualidade. — Sinto-me um tanto desaleitada e incomodada. Acompanha-me ao pavimento superior, meus aposentos... —

A hora do serviço soa cedo, para os criados. E, quando o dia começou a aclarar, ele desenvencilou-se a custo, entorpecido, depois dum exagotante noite de amor, muito renhida. Enfiou o *smocking* atabalhoadamente, estonteado, e foi para o trabalho. Porém horas passadas, ao tatear por acaso o bolso da carteira, achou-o vazio. Deu um pulo formidável na cozinha. Rebuscou-se todo — e nada. A carteira, onde todas as suas economias se aninhavam,

os cabelos e as moscas ao dono da casa, continuando-se a mastigar com as maiores cautelas, e então, adeus milhas encomendas, foi um ar que deu à música e ao trabalho dos artistas.

A música é uma coisa que não permite distrações, nem a quem a toca nem a quem a escuta, e muito menos à hora da comida, se é que essa hora de martírio para nós se pode chamar de distração, nos tempos de crise total que vão passando turvamente, se não com a nossa expressa aquiescência pelo menos com a nossa vergonhosa cumplicidade. A música durante as refeições, que agora é moda oferecer a quem come por fora, não passa de snobismo para quem muito problemáticamente a aproveita e dum recurso comercial para quem dela lança mão. É uma coisa tam extemporânea e tam raiosa como um guardanapo ao pescoso antes de principiar a sopa, e como um palito na boca depois da s-bremosa. O guardanapo quer dizer quem o coloca e porco e não sabe comer sem se embadungar, e o palito mastigado e remastigado não consta que tenha as propriedades necessárias para desencravar dos interstícios dos incisivos os fios de galinha cozida que os trabalhos da triuração lá encaixaram.

Pois Lisboa está inchada de música nas casas de comens e bebes, produzindo monitinho aqui e ali e além dos que não têm dinheiro para comer se contentam em ter, enquanto lho não proibirem, ouvidos para ouvir. São estes, afinal, os beneficiados. Os outros comens, bebem, conversam, riem e só muito dificilmente, na confusão das valvas com molho de tomate, apercebem as notas, através as torturas de digestão e a sua perturbação toda alcoólica, que já terá feito, certamente, com que batam palmas para pedir ao criado um *turned* sustenido ou qualquer outra iguaria semelhante. E assim.

Mas perdão. De tanto lhes falar em comer começa a lembrar-me de que compila última vez há já sete horas bem puxadas, o que, francamente, é demais para quem trabalha oito e ainda por cima tem que fazer um artigos a bem ou a mal. E como ainda se não descobriu a maneira de fazer artigos sem fazer concomitantemente a vontade a *messer Gaster* von trozar, se me dá licença; a caneta pelo garfo, tanto mais que já me cheira ao estupor do carneiro. — São servidos?

Antero de LIMA

desaparecera, sem sinais sequer deixar de si. Mas ele tinha a certeza de ainda na véspera à noite a possuía. «Querem ver que aquela... querem ver?...» Certo é que a excelsa e distinta dama desaparecera, naturalmente porque o seu brilho, a sua formosura, a sua distinção e o seu colar de pérolas suspeitas a tornavam indispensável noutras paragens. Esta aventura, divulgada na cozinha, exacerbou ao último ponto o azedume dos criados. «Estes pilhas...» Um outro qualquer insignificante factos fez rebentar a explosão, e deu saída aos ressentimentos repressados. «Estes pilhas...» Quando, há três dias, se reuniam, à hora de jantar, no opulento *triclínio* do Avenida Pálace, os convivas dourados, a sociedade brilhante, o escol, a *élite*, eis que a criadagem insurreccionada declara a greve e levanta a mangedoura aos inclitos personagens, tirando-lhes os talheres, levantando totalmente a mesa e pondo sobre ela as cadeiras onde deveriam repousar os fidalgos posteriores da não menos fidalga assistência. «Estes pilhas...» Foi ontera dar, no João do Grão, com um dos sabotados, uma ilustre vítima da greve: um barão montenegrino, vejamos lá. Contou-me a história indignada. Depois mandou vir meia desfeita, perguntou pelo caldo, e, tendo-me pedido um cigarro com muito desembaraço, escapuliu-se subrepticamente sem pagar a despesa. «Estes pilhas...»

Prof. Carvalho

Italianos e albaneses
Teria o governo italiano chegado ao bom caminho?

ROMA, 3. — A notícia de que a Itália deseja que a Albânia seja inteiramente independente produziu no território albanês uma grande impressão. Nos círculos mais cotados esta proposta é considerada com a confiança de amizade tradicional da Itália com a Albânia e há aí a presunção que a permanência das tropas italianas em Valona é o único meio de impedir que a cidade seja presa da cobiça dos vizinhos. — *Rádio*.

Presos por questões sociais
Os operários João Froneixo, Carlos dos Santos, Américo dos Santos, Adriano dos Reis, Samuel Monteiro, José Maria de Almeida e Joaquim dos Santos, participam a todos os seus camaradas e amigos que foram transferidos da sala dos entrados para o grupo de deixando de receber a visita no grupo B como era costume.

Em torno da Rússia Vermelha

A opinião da delegação inglesa do Trabalho, chegada da Rússia

LONDRES, 3. — A delegação do Trabalho que foi investigar das condições da Rússia, desembarcou em New Castle ontem. Mrs Filipa Harden entrevistada em Londres forneceu algumas impressões sobre o regime dos soviets; disse que no fundo se encontra apenas uma ditadura e que a miséria do povo russo vem menos do bolchevismo do que do bloqueio. Quando restauradas as condições normais as piores feições do bolchevismo tenderão a desaparecer.

Os russos acreditam que a revolução se estende ao resto do mundo e Lénine também o crê. M. Snedden diz que o descontentamento de Lénine acerca da política britânica é extraordinário. — *Rádio*.

Os ingleses vão tratar, directamente, com o governo russo, das relações comerciais

LONDRES, 3. — Bonnar Law declarou que a ida de Krassine a Moscou é motivada pela necessidade que este tem de se entender directamente com as autoridades russas para se concertar um plano definitivo de relações comerciais. — *Rádio*.

Os japoneses ocupam alguns pontos da Sibéria

LONDRES, 3. — Dizem de Tokio, que Lolsack onde os japoneses foram massacrados, Alexandresy e outros pontos da Sibéria serão ocupados. — *Rádio*.

Negrem-se os negociantes

Os gafeiros causam a escassez
NEW-YORK, 2. — Os gafeiros destruíram todas as plantações da costa do Estado de Texas. — *Rádio*.

